

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CASA

22 e 25 de Maio de 2026

RUSSKIJ KOVCHEG / RUSSIAN ARK 2002

“A ARCA RUSSA”

um filme de ALEXANDER SOKUROV

Realização, Conceito Visual e Desenho da Imagem: Alexander Sokurov *Argumento:* Anatoly Nikiforov, Alexander Sokurov *Diálogos:* Boris Khaimsky, Alexander Sokurov, Svetlana Proskurina *Director de fotografia e Operador steadycam* (Dolby digital vídeo): Tilman Büttner *Supervisão técnica:* Steffen Görner *Consultor criativo:* Serguei Ivanov *Iluminação:* Anatoly Rodionov, Bernd Fischer *Música original interpretada pela State Hermitage Orchestra Compositor:* Sergey Yevtushenko *Trechos musicais:* M. Glinka, P. Chaikovsky, G. Persella, G. Telemann *interpretada por Mariinsky Theater Orchestra com direcção de Valery Gergiev Coreógrafo:* Galy Abaidulov *Coordenação do projecto:* Marina Koreneva *Direcção Artística:* Yelena Zhukova, Natália Kochergina *Guarda-Roupa:* Lidiya Kriukova, Tâmara Seferyan, Maria Grishanova *Caracterização:* Lyudmila Kozinets, Zhana Roduionova *Produção de Som:* Vladimir Persov, Sergey Moshkov *Misturas:* Manfred Arbter *Interpretação:* Sergey Dreiden (o estrangeiro), Maria Kuznetsova (Catarina, a Grande), Leonid Mozgovoy (o espião), David Giorgobiani (ele próprio), Alexander Chaban (Boris Piotrovsky), Lev Yeliseyev (ele próprio), Oleg Khmelitsky (ele próprio), Alla Osipenko (ela própria), Artem Streilnikov (um rapaz), Maxim Sergeyev (Pedro, o Grande), Natalia Nikulenko (Catarina I), Yelena Rufanova, Yelena Spiridonova, etc.

Produção: Hermitage Bridge Studio, Egoli Tossell Film AG *Co-Produção:* Kopp Media, WDR/ARTE, Fora Film, AST Studio, NHK *Produtores:* Andrei Derabyn, Jens Meurer, Karsten Stöter *Cópia:* DCP, cor, versão original em russo legendada eletronicamente em português, 95 minutos *Estreia Mundial:* 14 de Maio de 2002, no Festival Internacional de Cinema de Cannes (em projecção digital) *Primeira apresentação em Portugal:* 16 de Dezembro de 2002, no Cine-Estúdio (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca:* Fevereiro de 2003 (“Em Plano Sequência”).

NO CUT = DIRECTOR'S CUT
nas notas de produção do filme

Alfred Hitchcock foi o primeiro a idealizar uma longa-metragem num plano único, um filme que dispensasse o corte entre diferentes *takes* e a montagem posterior dos planos. Em 1948, filmou *A CORDA* em continuidade temporal, radicalizando a noção de plano-sequência (remeteria mais tarde o filme a um feito técnico virtuoso, menosprezando-lhe a indiscutível qualidade artística). Fê-lo, na medida das possibilidades técnicas (a duração das bobinas), em oito planos de dez minutos, recorrendo ao truque (termo por si usado) da invisibilidade da ligação entre eles. A tentação do plano único, e a sua “falsidade”, perdurou. Veja-se o exemplar *WAVELENGTH* de Michael Snow (1967), que a Cinemateca programou no mesmo dia em que pela primeira vez exibiu *A ARCA RUSSA*. O filme de Sokurov segue a “linhagem”, mas, com outros meios tecnológicos à disposição, leia-se podendo explorar a então recente tecnologia digital de alta definição, Sokurov realizou, em 2002, o seu “one shot movie” de 99 minutos sem precisar de truques.

Tem de notar-se a coincidência do termo “Arca” no título de Sokurov que, aludindo naturalmente ao Museu do Hermitage como o guardião da arte e da história russas com as suas colecções “*preservadas ao longo das catástrofes*”, não deixa de evocar o “adereço” central do filme de Hitchcock. Referindo a preferência pela continuidade da imagem, como contraponto à tendência da montagem (“*actualmente a arte do corte e da tesoura*”) na direcção da qual o cinema evoluiu, em realizadores como Dovjenco, e sem citar explicitamente Hitchcock, Sokurov lembrou a propósito como a ideia de filmar um longo plano-sequência não é uma novidade sua – “*Nunca faço nada de novo...*”: “*Filmar num plano único é um feito formal, mas é mais do que isso um instrumento com o qual é possível resolver um determinado propósito artístico.*” A ideia perseguia-o havia quinze anos e a ele, mais um intuitivo do que um teórico, interessou realizar um filme de um só fôlego. “*Queria tentar e encaixar-me no próprio fluxo do tempo, sem o refazer de acordo com os meus desejos. Queria tentar e ter uma colaboração natural com o tempo, viver essa hora e meia como se fosse apenas inspirar... e expirar. Tal era o objectivo, o único propósito artístico.*”

A ARCA RUSSA foi inteiramente filmado num só plano, em tempo real e numa única *take*. A história do cinema sempre seguiu de perto a das soluções técnicas (nada de novo, é verdade) e esta proeza deveu-se à tecnologia

digital: uma câmara digital de alta definição operada pelo especialista alemão de *steadycam*, Tilman Büttner (RUN LOLA RUN, de Tom Tykwer, é o seu trabalho mais conhecido e sobre a diferença de universos, Sokurov sublinhou como, no fundo, realizador e operador de câmara tiveram de entender-se a partir do pressuposto de que eram “*aliens*” um para o outro) captou as imagens gravadas num sistema de disco rígido portátil, especialmente concebido segundo as exigências do alinhamento da deambulação dos 1300 metros de distância pelas trinta e três salas do maior museu do mundo previstos no guião. Acrescente-se à “história”: quatro anos para montar o projecto financeiro, meses de preparação e de ensaios, uma vasta equipa russa e alemã, vinte e dois assistentes de realização, oitocentos e sessenta e sete actores, muitas centenas de figurantes, três orquestras a actuar ao vivo. Depois de três falsos arranques, A ARCA RUSSA foi rodado no Hermitage, em São Petersburgo, num dia de Dezembro de 2001 com apenas quatro horas de luz.

Sokurov já havia “visitado” um museu num filme bastante mais simples, mas diga-se, também mais pungente, “ELEGIA DE UMA VIAGEM” (2001). A ambição de A ARCA RUSSA esteve de acordo com os meios de produção disponibilizados, a fulgurância e grandiosidade do cenário, a preparação minuciosa do itinerário e movimentos que a câmara tinha de descrever, e o objectivo de Sokurov foi cumprido. A ARCA RUSSA corresponde a um autêntico *tour de force* e torna-se difícil dissociá-lo desse aspecto do projecto. Não que não se encontre no filme a marca do realizador russo. Pelo contrário, o tom mantém-se, como se mantém a sua presença fora de campo (como em muitos outros dos seus filmes, de “VOZES ESPIRITUAIS”, de 1995 ou “CONFISSÃO”, de 1998, à série das “*Elegias*” que viria a filmar, o realizador está presente no filme através da voz) ou a tradição ferozmente russa que Sokurov reivindica na tradição de Tarkovski, a quem dedicou o seu primeiro filme (“A VOZ SOLITÁRIA DE UM HOMEM”, de 1978) e uma das suas “*Elegias*” (“ELEGIA DE MOSCOVO”).

Aliás, A ARCA RUSSA, que se apresenta como um filme idealizado “a partir” da colecção do Museu e antevendo a celebração do 300º aniversário de S. Peterseburgo em 2003, ter-se-á inspirado nas *Cartas da Rússia* de Astolphe de Custine (1839), livro proibido mais do que uma vez antes e depois da Revolução Russa e que é comum comparar-se em termos literários e históricos a *Democracia na América* de Tocqueville. Nesta “visita” pelo Hermitage, os dois guias, a personagem de um estrangeiro do século XIX (aparentemente Custine) e a figura contemporânea do realizador que com ele dialoga fora de campo, travam uma conversa sobre a história da Rússia e a sua complexa relação com a Europa. O “diálogo” estabelece-se, assim, entre épocas diferentes, já que a esta sua experiência cinematográfica da duração, Sokurov justapõe uma narrativa que também convoca a continuidade espaço-temporal, montando dentro do plano uma *mise-en-scène* baseada, também ela, no princípio da continuidade, ou na contiguidade, de tempos diferentes – de Pedro, o Grande e Catarina a Nicolau I e Nicolau II e à actualidade, uma personagem do século XIX e, em *off*, uma personagem contemporânea.

“*Abro os meus olhos e não vejo nada*”, assim começa o narrador o filme sobre uma imagem a negro. É então que um grupo desembarca em carruagens do século XIX numa entrada lateral do Palácio e a câmara arranca para os 99 minutos de plano-sequência... para seguir a encenação preparada especialmente para o autor – é ele quem faz a pergunta nestes precisos termos: “*Terá tudo isto sido encenado para mim? Poderá ser? E eu desempenho um papel?*”. Pelos corredores, salões, galerias, escadas e portas do edifício, o percurso faz-se obedecendo a uma coreografia desenhada para a câmara, em que intervêm personagens históricas, figurantes de época, os visitantes ou o próprio director do Museu. A câmara, raras vezes quieta, afasta-se e aproxima-se de personagens e quadros, dando-lhes grandes planos ou planos gerais, largando uns para seguir outros, ou seja, “montando” na continuidade do plano. Ao seu estilo, Sokurov inscreve as suas próprias impressões sobre a tradição cultural russa, personagens históricos e reflexões sobre o tempo em A ARCA RUSSA. E evoca as memórias das paredes do Hermitage, até ao que foi o seu último baile em 1913 (ao som da mazurca, a cena é longa e particularmente rodopiante, terminando efusivamente ao som dos aplausos... quase parece que se dirigem ao próprio filme, mas podemos acreditar que não). É então que vemos os figurantes a abandonar o espaço, com a câmara a segui-los. Antes do fim, de novo a negro, o plano está já vazio, abrindo para o nevoeiro.